

ACHADOS NUMISMÁTICOS

No número anterior permitimo-nos bordar algumas considerações acerca do assunto em epígrafe, clamando contra o que entre nós sucede tão frequentes vezes nas descobertas de tesouros de moedas, tanto ao invés dos interesses da Numismática e, conseqüentemente, da nossa História.

Parece-nos que existem deficiências na legislação vigente, malhas largas por onde se escapam com frequência os benefícios que pretendemos recolher. Talvez que o mal não advenha apenas dos princípios estabelecidos como lei, mas também, e em grande parte, da maneira como muitas vezes os homens os interpretam e aplicam. De qualquer forma há na questão coisas que não estão certas e que é mister serem remediadas.

Convencidos de que estamos no bom caminho, havemos de continuar a bater a tecla, e esperamos que outros, com mais poder e melhor esclarecidos, se aliem a nós nesta campanha.

* * *

Por hoje não faremos mais do que referir, no jeito de contribuição para o futuro Registo Cronológico, aquilo que conhecemos de dois achados numismáticos porventura não registados algures ainda. Tocaremos também num terceiro, mais antigo e talvez já dado a público, mas que julgamos conveniente *relembrar*, na dúvida de nele ter sido incluída uma moeda que lhe pertencia e que vimos, desgarrada, na posse de um nosso amigo. Como o segundo, também este último achado poderia servir o tema da nossa campanha, fazendo ver como do facto de se terem dispersado as moedas que o constituíam, antes de alguém ter estudado o conjunto, se poderiam ter perdido inestimáveis indicações históricas, dado que se trata de moedas ibero-romanas, numismas que raras vezes aparecem no nosso País e que pertencem a uma época das menos esclarecidas da nossa História.

ACHADO DE CHAVES

Fui há tempos solicitado para proceder à avaliação de um grupo de moedas de prata que alguém procurava colocar o melhor possível entre as casas compradoras do Porto. Á primeira vista o conjunto não tinha aspecto muito agradável quanto ao estado de conservação, porque uma espessa camada de verdete cobria grande parte das moedas e as restantes estavam quase pretas de tanto óxido e sujidade que tinham sobre si.

Vim a saber que se tratava de um achado, verificado em Junho de 1952, em Chaves, na casa de D. Adélia Baptista da Rocha, da Rua do Poço, n.º 28. Quando ali se procedia a um arranjo num desvão de escada, foi encontrado um pote de barro contendo um saco de linho cheio de moedas de prata e algumas outras mais fora dele, sendo as primeiras as melhor conservadas.

Num total de 144 unidades, todas as moedas eram portuguesas ou que circulavam em Portugal na época de D. Pedro II. Classificavam-se da seguinte maneira:

D. AFONSO VI:

— Tostão — *F. V. Ag. 24*

Legenda terminada em REX	1	
» » » » P E	1	
» » » » P ET	2	
» » » » PO	2	
» » » » POR	9	
» » » » PORT	10	
» » » » PORTV	1	
» com terminação ilegível	12	
» ilegível	22	60

— Pataca espanhola c / contramarca 600 — *F. V. Ag. 84*

8 reales de Segóvia, de 1659	1	
» » » Potosi, de 1652 e 1654	2	
» » » México, de 1669	2	
» » sem ceca nem data legíveis	6	
— Pataca espanhola sem contramarca	9	20

D. PEDRO II

— Três vinténs (P) F. V. P ₂ 116	1
— Tostão F. V. P ₂ 101	2
— Seis vinténs F. V. P ₂ 92	4
» » » » legenda term. em PORTV	1 5
<hr/>	
— Doze vinténs de 1686 F. V. P ₂ 74	1
» » » 1687 (2 com eixos a 45°)	12
» » » 1688	5
» » » 1689 (2 com eixos a 45°)	4
» » » 1689-P	4
» » » 1690	1 27
<hr/>	
— Cruzado novo, de 1687	2
» » » 1688	6
» » » 1689	1
» » » 1689-P	10
» » » 1690-P	10 29
<hr/>	
Total	144

A única parte deste achado que é digna de interesse está no grupo das patacas espanholas contramarcadas. Das 11 peças existentes só duas delas têm as contramarcas inidentificáveis, por pouco nítidas ou alteradas pela oxidação; as 9 restantes fornecem-nos o conjunto de carimbos que damos em gravura, correspondendo um a cada moeda contramarcada.



Naturalmente que a operação de contramarca destas moedas se fez de forma semelhante à usada no reinado anterior, estabelecendo casas de moeda nas localidades mais importantes do País, donde poderia resultar uma maior variedade nos tipos dos cunhos. Mas mesmo assim é notável a coincidência aqui verificada de não haver sequer duas moedas contramarcadas com os mesmos ferros.

ACHADO DE PENAMACOR

Residindo em Castelo Branco, por alturas de Março de 1948, fui informado de ter sido descoberto um conjunto de 60 ou 70 moedas romanas de prata, — *denários* — em termos da vizinha vila de Penamacor. A pessoa que me informou, um aldeão de uma localidade próxima daquela vila, nas mãos do qual eu vi 8 dessas moedas, contou-me que foram achadas por uma mulher do campo e que esta as vendeu imediatamente a um indivíduo, à razão daquilo que lhe pareceu serem equivalentes pelo tamanho e metal — moedas actuais de prata, de 2\$50. Esse indivíduo foi dispersando o conjunto em revendas, subindo logo o preço unitário para 17\$50, pouco mais ou menos o custo corrente, nessa época, dos *denários* romanos vulgares.

A breve trecho, porém, as autoridades de Penamacor tiveram conhecimento do facto e apreenderam (?!) umas 50 moedas, dizendo-se que para constituir um princípio de colecção dum Museu regional que um apaixonado queria fundar naquela Vila, ou para serem remetidas para Lisboa, não se sabendo para quem nem com que fim.

Procurei obter informes mais completos, mas por toda a parte encontrei ou evasivas ou as afirmações receosas de quem teme vir a ser mais tarde incomodado com averiguações policiais. Contudo ainda apurei que as moedas tinham como que brotado do solo quando a mulher esgarabatava a terra junto do pé de uma oliveira, num local ermo, afastado de Penamacor e conhecido pelo nome de *Cova do Ouro* — sugestiva designação!...

Os numismas de que era portador o indivíduo meu informante e que, por sinal, estavam em muito bom estado de conservação, eram os seguintes:

República Romana

Denário das Famílias	{	ANTONIA	Babelon, n.º 51
		BARBATIA	» » 2
		JULIA	» » 96
» da Família		CALPURNIA	» 11
» » »		»	» 24
» » »		CASSIA	» 10
» » »		JUNIA	» 15
» » »		MUSSIDIA	» 4
» » »		VIBIA	» 1

Império Romano

Denário de OCTÁVIO AUGUSTO Cohen, n.º 137

Saindo de Castelo Branco, passado pouco tempo, não mais ouvi falar nas moedas deste achado, não sabendo se foram, de facto, remetidas para Lisboa e se o conjunto apreendido (?) foi ou não relacionado e estudado.

Alguém poderá e quererá dizer mais alguma coisa a seu respeito? Oxala que sim. Para que não se verifique o paradoxo de um tesouro se ter perdido quando se encontrou...

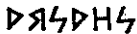
ACHADO DE ALCAIDE

O meu prezado amigo, Capitão França, de Castelo Branco, mostrando-me uma pequena moeda de prata que tinha em grande estimação, informou-me de que ela pertencia a um pequeno conjunto de denários ibero-romanos encontrado por volta de 1913, num terreno da quinta do Conselheiro João Franco, em Alcaide, na Cova da Beira. As moedas que o constituíam foram repartidas por pessoas da sua família, ficando ele com duas. Mostrou-as um dia ao insigne numismata que foi o Dr. Leite de Vasconcelos, seu íntimo amigo, o qual, depois de as examinar, lhe disse a respeito de uma delas: «esta ou ma vendes ou ma dás»... Com muito gosto lha ofereceu, tendo ficado com a outra, destinada a um alfinete de gravata, a qual corresponde à seguinte descrição de *A. Vives y Escudero*:

Ceca 44.^a ARSE (ARSAES)

PRIMERA EMISIÓN

N.º 1 A) — Cabeza barbuda, entre arado y delfín

R) — Jinete con dardo, debajo 

Denário

Lám. XLVII — 1

Lamento não me ter sido possível referenciar mais nenhuma moeda ou outros detalhes deste achado, restando-me a esperança de que o eminente numismatólogo que dele também teve conhecimento, tenha referido algures, na sua vasta obra publicada, quaisquer ensinamentos que acaso comportasse.

M. R.